

# **PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS EXPOSITORES DO 1º SALÃO DE HUMOR DA AMAZÔNIA: RELATO DE CASO**

*ENVIRONMENTAL PERCEPTION OF THE EXHIBITORS IN 1º SALÃO DE HUMOR DA AMAZÔNIA: A CASE STUDY*

**Moana Luri de Almeida**

**André Ribeiro de Santana**

**Luiza Nakayama**

**Scarleth Yone O'hara**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**Leticia Carneiro da Conceição**

Universidade de São Paulo (USP)

## **RESUMO**

Neste artigo, investigamos de que modos a Amazônia foi retratada nos 70 cartuns da Ala Ecologia do 1º Salão de Humor da Amazônia, com o objetivo de refletir a respeito das percepções ambientais acerca da região em que vivemos. Nesse sentido, 50% dos cartuns denunciavam o desmatamento e o ser humano aparecia como elemento principal em apenas 17,1%, geralmente retratado como vilão destruidor da floresta. Assim, concluímos que o evento contribuiu para a divulgação do desenho de humor no Pará, porém, propagou uma percepção ambiental de Amazônia essencialmente naturalista e também como um problema a ser resolvido, pouco enfatizando a complexidade natural e social da região. Considerando que havia expositores de vários países e o júri era brasileiro, sugerimos ações de Educação Ambiental no sentido de favorecer uma visão mais holística do ambiente amazônico.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Meio ambiente. Desmatamento. Cartuns.

## **ABSTRACT**

In this paper we investigate the ways in which Amazonia was portrayed in the 70 cartoons of the Ecology Wing of 1º Salão de Humor da Amazônia (1st Amazonian Humor Exhibition), aiming to reflect upon the environmental perceptions concerning our region. In this regard, 50% of the cartoons denounced deforestation and human beings appeared as the main element in only 17.1%, usually portrayed as villainous destroyers of the forest. From this we concluded that the exhibition contributed to the publicizing of humor cartoons in Pará, however, it spread an environmental perception of Amazonia that is essentially naturalistic and also considered a problem to be resolved, little emphasizing the region's natural and social complexity. Considering there were exhibitors from several countries and that the jury was Brazilian, we suggest Environmental Education efforts with the purpose of promoting a more holistic view of the Amazonian environment.

**Keywords:** Environmental Education. Environment. Deforestation. Cartoons.

## Introdução

Idealizado pelo cartunista paraense Biratan Porto, o 1º Salão de Humor da Amazônia, com o tema “Ecologia no Traço”, ocorreu de 25 a 30 de março de 2008, na Estação das Docas e no Hotel Hilton, em Belém do Pará.

Um artigo do jornal eletrônico Portal ORM (2008) informa que o “[...] salão recebeu ao todo 388 inscrições, de mais de 45 países. Dos 92 cartunistas que farão parte do salão, 30 são do Brasil, oriundos de 11 Estados”. Ainda segundo a mesma fonte, a maior parte dos participantes “[...] vem do exterior: são 62 selecionados, de 29 países diferentes. A China (com 15 selecionados) e o Irã (com nove) lideram a lista de participantes”.

O evento teve quatro salões: Ecologia, Comunicação, Camillo Vianna (caricaturas homenageando o médico ambientalista paraense, ainda muito atuante na região) e História do Desenho de Humor no Pará (com desenhos do início do século XX, retratando o cotidiano paraense). O website <http://www.salaohumordamazonia.com> acompanhou o processo de chamada de trabalhos e avaliação das obras. Os inscritos concorriam nas categorias Ecologia e Comunicação, que geraram os salões principais. As caricaturas de Camillo Vianna foram produzidas por artistas convidados e as obras da ala histórica foram emprestadas por colecionadores. Houve também debates e discussões, com a presença dos cartunistas Angeli, Laerte, Baptistão e Orlando Pedroso.

Consideramos que a utilização da imagem dos cartuns, percebida aqui como produto das aspirações do homem contemporâneo, das suas concepções de mundo e da cultura, vem sendo cada vez mais articulada em diversificadas formas, podendo repercutir sobre o imaginário social e até influenciar escolhas e decisões.

Como cada cartunista interage e percebe o meio ambiente de modo particular, estudar seus cartuns é fundamental para compreendermos os universos simbólicos e conceituais, o que poderá favorecer mudanças de valores, hábitos, atitudes, enfim, comportamentos e posturas diante do natural, da natureza e da sociedade. Neste contexto, o objetivo do presente trabalho foi investigar de que modos a Amazônia foi retratada pelos cartunistas do 1º Salão de Humor da Amazônia, fornecendo subsídios para lidar com as questões ambientais locais e planetárias.

## Caminhos metodológicos

Das obras expostas, realizamos uma análise de concepção ambiental, baseada em Sauv e (1997), das 70 que fizeram parte da ala Ecologia, uma vez que foi a única que fazia referência direta às questões ambientais, com ênfase na Amazônia.

Cabe-nos ressaltar que o estudo da concepção ambiental de uma população possibilita captar os preconceitos, as ideologias e características das atividades cotidianas, políticas, culturais, sociais e profissionais dos indivíduos, sendo uma indicação de como cada pessoa percebe e age sobre e no ambiente (REIGOTA, 1995; SANTANA, 2004; DANTAS; NAKAYAMA e SANTANA, 2009; SANTOS; SANTANA e NAKAYAMA, 2010; SILVA et al., 2010).

Como a Estação das Docas, um dos locais do evento, é considerado um dos cartões postais de Belém, atraindo centenas de visitantes locais, nacionais e também internacionais, não podemos deixar de questionar: Como queremos que os turistas vejam a nossa região? Como queremos ser vistos? Será que a forma que desejamos ser vistos é a que foi apresentada nesse Salão?

### Os cartuns analisados da ala Ecologia

Na entrada do evento, um globo terrestre feito de papel *mach e* mostrava um homem enjaulado em seu interior e animais amazônicos e tocos de árvores distribuídos pela superfície da Terra. A obra pode significar a dependência do ser humano em relação à natureza, isto é, seu destino estaria “preso” ao da Floresta Amazônica e/ou revelar o desejo de castigar o homem e/ou impedi-lo de continuar com a destruição desenfreada do meio ambiente.

Os vencedores do 1º e do 2º lugares da Ala Ecologia foram, respectivamente, Walter Junior, do Rio de Janeiro e Seyram Caferli, do Azerbaijão, sendo que os paraenses João Bosco e Waldez, cartunistas veteranos, reconhecidos nacional e internacionalmente, foram selecionados.

Apontamos a possibilidade de que o 1º Salão de Humor da Amazônia tenha sido influenciado pelo 1º Salão Internacional de Humor pela Floresta Amazônica, que ocorreu na sede do portal

*Brazil Cartoon*, em Montes Claros - MG, em outubro de 2007, em vista de: 1) as logomarcas de ambos os Salões terem uma árvore sorridente, cujo caule é um lápis; 2) vários cartuns retratarem a mesma ideia, isto é, sua seleção indica que os júris de ambos os Salões possuem imagens parecidas a respeito da Amazônia; 3) ambos os Salões terem selecionado majoritariamente cartuns cujo personagem principal é a árvore; e 4) os discursos de apresentação nos *websites* oficiais apresentarem muitas similaridades, conforme a comparação a seguir.

O texto inicial do *website* do Salão Internacional, assinado pelos cartunistas organizadores do evento, Márcio Leite (criador do portal *Brazil Cartoon*) e Cau Gomez, pontuava que o: “I Salão de Humor pela Amazônia tem o sentido de um espernear enérgico contra esse estado de coisas, de um grito alucinado ante o horror da derrubada de árvores que pode ter efeitos trágicos para toda a população do planeta”.

No texto de apresentação do evento em Belém, que estava no *website* e no painel de entrada do Salão, o escritor e jornalista belenense Raymundo Mário Sobral declara: “[...] o foco desses cartuns e charges é ecoar um manifesto. Reverberar a indignação. Deflagrar um berro ante a imbecilidade e a estupidez que se constituem o desmatamento e a devastação da Amazônia. Exército Brancaléone do traço num embate feroz com a voracidade das motosserras desvairadas”.

A comparação das duas chamadas nos leva a concluir que ambos os discursos são enfáticos, porém, simplistas do ponto de vista ecológico, porque não se deveriam deter apenas às árvores, as quais foram representadas como capazes de sustentar o planeta inteiro para que não caísse no abismo, fugir correndo de uma serra elétrica, tornar-se um anjo e voar para o céu após ser cortada, etc. Nesse contexto, os cartuns do I Salão de Humor da Amazônia possuem discursos que parecem repetir o texto de Euclides da Cunha sobre o progresso que envelhece a natureza e o homem intruso impertinente<sup>1</sup>. Ora, se o objetivo dos organizadores do Salão era protestar contra o desmatamento, não poderíamos esperar resultado diferente dos expostos (50% dos cartuns).

Salientamos, porém, que tanto o desmatamento como os outros temas dos cartuns estão

<sup>1</sup> CUNHA, Euclides da. Prefácio. In: RANGEL, Alberto. **Inferno verde**. Tonis: Typografia Arrauettlia, 1927.

relacionados direta ou indiretamente aos problemas ambientais. Assim, embora alguns trabalhos possam ser interpretados em mais de uma categoria, foram enquadrados em apenas uma delas. Por exemplo, o cartum sobre o Saci, o Curupira e o Pé Grande, na fila de indigentes necessitando de um prato de comida, poderia ser interpretado como folclore ameaçado de extinção e, portanto, enquadrado no item “progresso”, mas poderia também ser colocado em “desmatamento”, pois sem seu *habitat* esses seres da floresta ficam desamparados.

Outro cartum que chama a atenção devido às suas possíveis interpretações foi enquadrado em “problemas ambientais”, mas poderia também ser categorizado em “desmatamento”. Nele, uma árvore, talvez a última, é crucificada em uma cruz feita de palitos de fósforo, remetendo à Paixão de Cristo, enquanto o fogo avança no canto da tela. Um ecologista poderia interpretar que o ser humano, apesar de não aparecer no cartum, estaria implícito no desenho do fósforo, pois é o criador desse elemento de destruição. O homem, portanto, estaria presente como “crucificador” do meio ambiente e, em uma análise mais profunda, como vítima dos próprios danos, que seriam a perda de biodiversidade e o aquecimento global, entre outros males. Paradoxalmente, o palito de fósforo, que desencadeia a destruição, é feito da madeira retirada da floresta.

Sob o ponto de vista de um comunicólogo, a representação de uma árvore como Cristo talvez suscitasse a ideia de que a floresta é mártir e salvadora, e o homem, um ser invisibilizado – por não estar em cena – ou um Pôncio Pilatos, na sua postura de “lavar as mãos” frente à destruição.

Atrevemo-nos a imaginar como as pessoas que tiram o sustento da terra interpretariam o referido cartum. Logicamente, além das diferenças de recepção individuais, haveria grandes discrepâncias entre as opiniões de pequenos agricultores, fazendeiros, madeireiros, indígenas etc. Talvez alguns se indignassem ao perceberem que são tidos como vilões, uma vez que, na região Norte brasileira, é a forma como tradicionalmente os agricultores lidam com a terra. Segundo Costa (2007), a mídia costuma apresentar a queimada de forma exclusivamente negativa, apesar de ser o meio mais comum, rápido e barato de limpar áreas para a agricultura. A pesquisadora defende, ainda, que os trabalhadores rurais são atores no

processo de desmatamento, não necessariamente “vilões” ou “vítimas”.

Em um dos cartuns, por exemplo, uma árvore está no céu e suas folhas são feitas de nuvens, o que provavelmente denuncia o desmatamento. O Cristianismo prega que os bons vão para o Céu após a morte; deste modo, o cartum pode estar dizendo que a árvore: 1) é boa e, portanto, merece ir para o Céu; 2) é o único ser vivo bom, pois está solitária em um vasto chão branco; 3) é a essência do Éden, ao qual a Amazônia é igualada há cinco séculos; e 4) é maior do que os elementos terrenos, pois sua grandeza alcança as alturas. Discursos que encerram a:

[...] mítica idéia da árvore do mundo como eixo da terra, [...] ideologia de defesa da Amazônia como vital para o mundo, pulmão da terra. No final do século XX a floresta amazônica representa para os povos, metaforicamente, a grande árvore do mundo, o grande eixo capaz de sustentar a vida no planeta e cuja destruição provocaria uma catástrofe cósmica (LOUREIRO, 2001, p. 133).

Outros problemas ambientais retratados são: 1) destruição da camada de ozônio: a formiga pede à dona-de-casa que, em vez de matá-la com o inseticida, pense na destruição que o *spray* causa a essa camada; 2. aquecimento global, por exemplo: o pinguim protegendo com um guarda-chuva o último bloco de gelo; o boneco de neve observando impotente o seu derretimento (havendo uma placa com os dizeres: aquecimento global); o urso polar chora o seu derretimento e a arca de Noé, carregando o último *iceberg*; 3) seca: o recado deixado dentro da garrafa, solta no mar-deserto; e 4) desertificação: o homem, se “afogando” no deserto, clama por água.

Tendo em vista que animais polares, boneco de neve e *icebergs* não são elementos amazônicos, fica a impressão de que a devastação ambiental é preocupante apenas quando vitimiza todo o planeta, como enfatiza Gonçalves (2005).

Destacamos que aproximadamente 50% dos problemas ambientais são relacionados ao aquecimento global. Esse fato não nos causa surpresa, uma vez que essa temática vem ocupando espaço significativo nas mídias. Por exemplo, ao digitarmos a expressão “aquecimento global” no *Youtube* ou no *Google*, teremos acesso e encon-

traremos mais de 2 mil fontes de informações a respeito. Além disso, revistas brasileiras de grande circulação (*Época*, *Galileu*, *Isto É*, *Veja* e *Superinteressante*) dedicaram nos últimos cinco anos mais de vinte reportagens de capa para essa problemática ambiental.

No tema poluição, que afeta nosso atmosfera e cursos hídricos, a maioria (8 cartuns) tratou da poluição aquática e 3 apresentaram elementos que indicaram o tema específico “petróleo”. Seria de se esperar que a água tivesse grande representatividade, uma vez que o Relatório do Projeto MEGAM (2005, p. 32) relata que, na América do Sul, o Brasil é “[...] o mais beneficiado pelo recurso água, com 20% das águas do planeta, dos quais quase 70% estão na Amazônia”. Loureiro (2001) também destaca a importância simbólica dos rios para o caboclo amazônico, pois regulam o espaço e o tempo, na medida em que são os caminhos (as ruas) e os determinantes da hora de plantar, colher, pescar, construir. Quanto ao derramamento de petróleo, sabemos que no Pará, principalmente no município de Barcarena, há um polo industrial (Imerys Rio Capim Caulim S.A., ALBRAS S.A., ALUNORTE S.A. e USIPAR) de beneficiamento e exportação de caulim, alumina, alumínio e cabos para transmissão de energia elétrica. Assim, no local, há o porto de Vila do Conde, o maior do Pará, onde são recebidos navios de grande porte, vindos inclusive de outros países e, esporadicamente, ocorrem acidentes de derramamento de petróleo, que são noticiados internacionalmente.

Problemas urbanos, como engarrafamento de trânsito e destruição do planeta, estavam presentes no tema “Progresso”. O tema “Animais em perigo de extinção” também foi lembrado, com destaque para o cartum sobre os animais competindo para saber quem será o próximo eliminado no “Big Brother Extinção”<sup>2</sup>. Salientamos que esses dois temas não estavam diretamente direcionados especificamente à Amazônia, mas como fatos universais.

Por outro lado, quatro cartunistas retrataram “Esperança de melhora do planeta”: a flor vermelha, interrompendo os trilhos do trem; os homens, ao cortar a árvore, percebem que precisam dela para se protegerem da chuva; a na-

<sup>2</sup> Referência ao programa “Big Brother Brasil”, da TV Globo.

tureza ocupando seu espaço: de dentro do *spray* enferrujado nasce uma flor e no entorno sobrevoa uma borboleta; a flor é o guia, iluminando o caminho dos retirantes de uma cidade suja e estéril.

Mas, afinal, qual a opinião que as pessoas têm da Amazônia?

Em sua dissertação de Mestrado, Bueno (2002) entrevistou pessoas em São Paulo, Manaus, Belém e Anequara (interior do Pará), para saber a que ideias os entrevistados associavam a Amazônia, e chegou à seguinte conclusão:

A palavra Amazônia tem um correspondente imediato na mente da maioria das pessoas. Quase todos os brasileiros ao menos já ouviram falar dela e, dentre esses, poucos não saberiam dizer que imagem lhes vem à cabeça quando o nome “Amazônia” é pronunciado. A imagem da floresta; da imensidão dos rios; são imagens geralmente desumanizadas (BUENO, 2002, p. 6).

A imagem desumanizada descrita pela pesquisadora está presente nos cartuns do Salão de Humor, uma vez que apenas 17,1% deles mostram o ser humano como elemento principal, o qual apareceu como um vilão destruidor da floresta. A maioria das obras está focada em árvores e animais, que no desenho assumem características antrópicas – expressões faciais e corporais, por exemplo. Essa maneira de retratar a Amazônia pode reforçar a impressão, para o público, de que a representatividade humana é pequena ou irrelevante na região, podendo fortalecer os estereótipos de vazio demográfico, ofuscamento do homem frente à riqueza natural, atraso generalizado, etc. Nesse sentido:

A grandiosidade natural da Amazônia enquanto senso comum é, portanto, uma obviedade construída por um olhar de fora para dentro, o olhar do *descobridor*, que percebe a região enquanto paisagem, que a prioriza enquanto bioma, mas que negligencia ou *invisibiliza* o ser humano que a habita (STEINBRENNER, 2007, p. 9).

Assim, percebemos que além de o ser humano não ser retratado como componente essencial do meio ambiente, ele é apontado como o principal causador dos problemas ambientais e talvez esse julgamento esteja alicerçado na concepção

de que “se o homem fosse menos ganancioso e individualista esses problemas não apareceriam”. Por isso, consideramos preocupante o predomínio de cartuns apresentando entendimentos que, em uma alusão à Sauv  (1997), dissociam o ecológico do social e enfatizam o ambiente como um problema para prevenir e resolver.

Nos estudos comunicacionais sobre discursos midiáticos a respeito da Amazônia, muitas vezes, “ecologia” aparece como uma ideia desumanizada e “ecocentrismo”, indicando a defesa incondicional da floresta em detrimento das pessoas. Nesses casos, o intuito das pesquisas em Comunica o Social   enfatizar que “[...] tudo isso pode ser verdade [a destrui o da floresta], mas não   menos verdadeira a gravidade dos problemas sociais e da decadência de princípios  ticos humanistas” (FERNANDES, 2006, p. 134).

Ao ensinar sobre a importância das áreas verdes para a cidade, para uma turma do 1  ano do Ensino Médio, Bonotto (2001) constatou que os alunos desenhavam florestas e cidades separadamente e, embora tenha sugerido a união entre as duas áreas, os jovens tiveram dificuldades em associ -las. A autora concluiu que esse reducionismo acarreta uma visão restrita e equivocada desses problemas, não se avançando na compreensão de sua complexidade e, em consequência, nas possibilidades de uma interven o mais adequada diante deles.

O mesmo ocorre nos cartuns, como o de Mohammad Ali Khalaji (Ir ), no qual as árvores estão sendo empurradas pelos prédios. Porém, outros mostram o desejo de introduzir mais verde nas cidades, como o de Márcio Leite, o qual retrata um menino desenhando árvores, com um lápis verde, em um projeto arquitet nico de prédios. O fato de o menino estar sobre uma cadeira para alcançar a mesa de arquiteto sugere que ainda   pequeno e encontra dificuldades para concretizar seus ideais. Este cartum pode significar que: 1) as crianças são o futuro da humanidade e, portanto, o futuro do verde; 2) se até uma criança consegue entender a importância do verde, os adultos que não conseguem (ou esqueceram da sua importância) precisam rever seus conceitos ou lembrar da sua infância; 3) os prédios representam a verticaliza o do poder ou a ambi o dos adultos e as árvores, a

inocência ou pureza das crianças (ou a criança, a pureza das árvores).

O cartum de Érico Ayres, do Maranhão, chamou nossa atenção, pois representa uma árvore com o formato do Brasil, sendo que a única parte com folhas verdes tanto pode representar o Norte do país quanto a Amazônia Legal. Em primeiro plano, um tamanduá protege a árvore de duas formigas agigantadas. A presença de ursos e girafas pode demonstrar desconhecimento a respeito da fauna amazônica.

Dutra (2005) classifica os discursos sobre a Amazônia de quatro formas básicas, sendo que todos os cartuns analisados apresentavam pelo menos uma delas:

1) o discurso da perda “sugere uma nostalgia por um passado idílico; daqui decorre uma necessidade de preservação daquilo que ainda resta”, além de abranger a “perda de valor”. Exemplo: em uma floresta desmatada, a última árvore em pé veste um salva-vidas, preso aos tocos de árvores cortadas. O cartum sugere que havia uma floresta onde hoje existem apenas tocos, daí a necessidade de preservar a sobrevivente.

2) o discurso do perigo sugere “medo sobre um futuro incerto, decorrendo dessa estratégia uma necessidade de proteção à natureza”. Exemplo: o cartum que mostra o passarinho armando defendendo a última árvore do planeta.

3) o discurso da catástrofe mostra “uma histeria que exige um resgate”. Exemplo: homem desesperado se afoga em um solo desertificado. Seu balão de fala mostra o desenho de um rio ou mar. Esse cartum anuncia a evaporação dos cursos hídricos, causando desespero nas pessoas e exigindo seu resgate.

4) o discurso da ceifa e do valor apresenta “a floresta como fonte de benefícios e de valor”. Exemplo: dois lenhadores impedem o desabamento de uma árvore recém-cortada (serra elétrica em primeiro plano), para se abrigarem da chuva. A obra mostra uma árvore que pode beneficiar até mesmo os que as destroem. É uma visão utilitarista (SAUVÉ, 1997).

A maioria dos cartuns enfatiza consequências globais da destruição da Floresta Amazônica, deixando em segundo plano aspectos locais; essa

representação é apresentada por Sauv  (1997) “como problema, para prevenir e resolver”.

A cidade, a tecnologia e o capitalismo aparecem como inimigos da Floresta Amazônica em 32,8% dos cartuns, dos quais seis mostram o arquétipo do grande empresário capitalista: gordo e bem vestido (terno, gravata e cartola), rindo e fumando charuto. Esse dado está de acordo com Brasil (2001, p. 33), segundo a qual “[...] para os brasileiros, os verdadeiros vilões do meio ambiente continuam sendo os empresários”.   curioso como esse velho discurso ainda se repete atualmente, como se a moderniza o fosse o Mal e a floresta intocada, o Bem. Em um dos cartuns, por exemplo, o edifício ganha uma luta de boxe contra a árvore; a alegoria não deixa d vidas sobre quem   o vilão e quem   o mocinho. “A alegoria exerce um poder singular de persuasão, não raro terrível pela simplicidade das suas imagens e pela uniformidade da leitura coletiva”, segundo Bosi (1992, p. 81).

Em contraste com a visão macro que culpa o empresário capitalista pelo desflorestamento, 18,5% dos cartuns culpam os que cortam árvores com machado, serra ou motosserra. Alguns desses personagens parecem maus, outros arrependidos e outros indiferentes, porém, eles têm algo em comum: são baseados em pessoas reais que têm motivos para desmatar.

Se, em pesquisas acad micas (SANTANA, 2004; DANTAS; NAKAYAMA e SANTANA, 2009; SANTOS; SANTANA e NAKAYAMA, 2010; SILVA et al., 2010), foi constatada uma visão reducionista de meio ambiente em diferentes contextos sociais, não nos surpreendemos com as representa es gráficas dos cartunistas, pois possivelmente esses profissionais utilizam como principal meio de informa o os recursos midiáticos, os quais reforçam tais visões.

Em nossas observa es *in loco* constatamos que aspectos sociais, culturais e históricos influenciaram as leituras das imagens pelos visitantes. Essa condi o evidencia, numa alusão a Reigota (1995), que entendimentos reducionistas, como ambiente sin nimo de natureza, se faz presente em seus contextos sociais. Assim, propiciar reflexões sobre es-

ses aspectos, tendo em vista também as condições em que os cartuns foram apresentados, são essenciais para a construção de uma nova concepção ambiental.

Nessa condição, consideramos que a Amazônia deve ser valorizada diversificadamente, pois diversos são os seus entendimentos. Portanto, lembrando Sauv e e Orellana (2001), mais relevante que chegarmos a uma defini o de meio ambiente   explorarmos suas diferentes representa es e como Dutra (2005, p. 169) afirma, a Amazônia “[...] não se constitui somente pelo ambiente físico como também pelo ambiente humano, com uma história social, política e econ mica”.

Portanto, no que se refere às potencialidades desse meio de comunica o para a Educa o Ambiental, destacamos a contribui o dos cartuns como veículo de apresenta es de concep es ambientais, transmissão de conhecimento e mudança de valores. Entendemos que esse novo paradigma terá a fun o de formar novos hábitos e promover a percep o do ser humano de forma holística inclusive, de acordo com Dias (2004, p. 95), “incluindo a percep o do custo da recupera o ambiental e dos seus valores est ticos, além dos de sobrevivência”.

### **Considera es finais**

O Salão foi importante para divulgar cartuns, caricaturas, quadrinhos e ilustra es, permitindo conhecer produ es de vários países, além de incentivar a valoriza o, como expressões culturais e artísticas, dessas modalidades de arte no estado do Pará.

### **Referências**

BONOTTO, Dalva Maria Bianchini. Conceitos e valores em Educa o Ambiental: uma experiência com alunos que não conseguiam juntar área verde e cidade. *Revista Holos Environment*, v. 1, n. 1, 2001. Disponível em: <[http://www.rc.unesp.br/ib/cea/int\\_holosedicaoant.php](http://www.rc.unesp.br/ib/cea/int_holosedicaoant.php)>. Acesso em: 11 jun. 2010.

BOSI, Alfredo. *Dialética da coloniza o*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente & Instituto

Ao analisarmos os cartuns, concluímos que a maioria dos autores retratou imagens desumanizadas da Amazônia, relacionando-a quase sempre a árvores e rios, mas, raramente, aos seus habitantes, ou seja, uma visão naturalista de meio ambiente e também como um problema a ser resolvido. Além disso, verificamos que essa visão   generalizada, tanto entre amazônidas como entre estrangeiros, haja vista que havia expositores de vários países e o júri era brasileiro. Também constatamos essa percep o entre o público visitante.

Supomos que, se o tema “Ecologia” não houvesse sido obrigatório na sele o dos cartuns, as mensagens do I Salão de Humor da Amazônia teriam sido bem mais diversificadas. Isso porque, embora o termo “Ecologia” englobe também a sociedade, ele costuma ser apropriado pelo senso comum como defesa da floresta, em um contexto desumanizado.

Cabe-nos destacar a importância da Educa o Ambiental enquanto processo contínuo de transforma o, no qual valores são revistos e, conseqüentemente, também são repensados os modos como as pessoas se relacionam entre si e com o ambiente. Portanto, sugerimos aos organizadores do evento e aos cartunistas, assim como   m dia paraense em geral, um trabalho de Educa o Ambiental, no qual se enfatize as múltiplas visões sobre o meio ambiente amazônico.

Consideramos que a retrata o da multiculturalidade regional por quem conhece e vivencia a realidade amazônica poderia pluralizar e aprofundar olhares dos que ainda não tiveram um contato efetivo com as dimensões ecológica, econ mica, histórica e social desse contexto. Isto  , a iniciativa de mudar o olhar estereotipado que o mundo tem de nós deve partir de nós mesmos, os amazônidas.

Superior de Estudos da Religião. *O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável*. Pesquisa nacional de opinião, 2001. Disponível em: <<http://www.repams.org.br/publicacoes.php?cod=17>>. Acesso em: 11 jun. 2010.

BUENO, Magali Franco. *O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da m dia impressa*. USP, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde->

- 11052004-103058/>. Acesso em: 11 jun. 2010.
- COSTA, Luciana Miranda. *A imprensa e os desmatamentos e queimadas na Amazônia: análise discursiva da cobertura da imprensa sobre meio ambiente (1975-2002)*. Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R0277-1.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2010.
- DANTAS, Osmarina Maria Santos; NAKAYAMA, Luiza; SANTANA, André Ribeiro de. Abordagens de ambiente na ótica de professores de Ciências. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, Cuiabá, n. 4, p. 107-114, 2009.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 9. ed. São Paulo: GAIA, 2004.
- DUTRA, Manuel Sena. *A natureza da TV: uma leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta*. Belém: NAEA/UFPA, 2005.
- FERNANDES, Marcionila. Desenvolvimento sustentável: antinomias de um conceito. In: FERNANDES, Marcionila; GUERRA, Lemuel. (Org.). *Contra-discurso do desenvolvimento sustentável*. 2. ed. Belém: Unamaz, 2006.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazôniaas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras, 2001.
- PORTAL ORM. Salão de Humor da Amazônia seleciona cartuns de 30 países. *Portal ORM*, 2008. Disponível em: <[http://www.orm.com.br/plantao/noticia/default.asp?id\\_noticia=330369](http://www.orm.com.br/plantao/noticia/default.asp?id_noticia=330369)>. Acesso em: 11 jun. 2010.
- REIGOTA, Marcos. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1995. (Série Questões de Nossa Época)
- RELATÓRIO DO PROJETO MEGAM. *Estudo das mudanças socioambientais no estuário amazônico*. Belém: NAEA/UFPA, 2005.
- SANTANA, André Ribeiro. *O ambiente no olhar de alunos em diferentes momentos de escolarização*. 2004. 91f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Pará. Belém-PA, 2004.
- SANTOS, Vívian Ribeiro; SANTANA, André Ribeiro de; NAKAYAMA, Luiza. *Percepção ambiental: avaliação do perfil de cidadania ambiental dos estudantes dos cursos de licenciatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA)*. Educação Ambiental em Ação, Novo Hamburgo, n. 31, p. 1-12. 2010.
- SAUVÉ, Lucie. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável uma análise complexa. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 6, n. 10, 1997.
- \_\_\_\_\_; ORELLANA, Isabel. A formação continuada de professores em Educação Ambiental: a proposta do EDAMAZ. In: SANTOS, José Eduardo dos; SATO, Michele. (Ed.). *A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001. p. 273-286
- SILVA, Francilda Sousa; OLIVEIRA, Gislene Miranda de; SILVA, Leiliam Jorge da; CONCEIÇÃO, Leticia Carneiro da; NAKAYAMA, Luiza; SANTANA, André Ribeiro de. Educação Ambiental: olhares e propostas no município de Rondon do Pará. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, Curitiba, v. 24, p. 1-11, 2010.
- STEINBRENNER, Rosane. “Amazônia” na fronteira entre a ciência e a mídia: submissão ou superação do mito? Belém: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1949-1.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2010.
- Moana Luri de Almeida**  
Graduada em Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda (UFPA). Mestranda em Antropologia Cultural na Universidade de Kyushu, Japão.
- André Ribeiro de Santana**  
Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Professor AD4 da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA).
- Leticia Carneiro da Conceição**  
Graduada em História (USP). Professor AD-4 da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA).
- Scarleth Yone O'hara**  
Mestre em Letras: Teoria Literária (UFPA). Doutora em Estudos Culturais: Literatura Comparada (UFMG).  
Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará
- Luiza Nakayama**  
Doutora em Genética e Biologia Molecular (UFPA). Professora associada III da Universidade Federal do Pará. Membro da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.
- Recebido em 02/08/2010.  
Aprovado para publicação em 30/10/2010.